

# ***O CORTIÇO:* (DES)CONSTRUINDO IDENTIDADES E ESTABELECENDO RELAÇÕES COM O SÉCULO XXI**

**LUCIANA PAULA BENTO LUCIANI\***

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Centro de Comunicação e Letras (CCL), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), São Paulo, SP, Brasil.

## **Resumo**

O presente artigo tem como objetivo examinar o romance *O cortiço* (1890) de Aluísio Azevedo sob a perspectiva dos Estudos Culturais no que concerne à (des)construção de identidades dos personagens pelo meio que estão inseridos. Além dessa análise e também à luz dos estudos humanísticos, busca estabelecer uma aproximação entre *O cortiço* e as considerações sobre classes sociais abordadas em estudos do sociólogo Jessé Souza (2009, 2012), no que tange a formação e o deslocamento identitário dos atores da ficção e vida real. Dessa forma, este trabalho discute a tese social desse livro de Aluísio Azevedo, no momento sócio-histórico em que foi escrito, e propõe um diálogo com a atualidade.

## **Palavras-chave**

*O cortiço*. Estudos Culturais. Identidades.

---

\* E-mail: lucianaluciani@yahoo.com.br; ORCID: 0000-0003-3258-658X.

## INTRODUÇÃO

O ato de morar pode ser estudado à luz de diversas áreas. A moradia, na visão antropológica, é entendida como um abrigo, cuja finalidade principal é a proteção de seus habitantes, seja das manifestações climáticas, seja de animais e inimigos.

As habitações também podem ser compreendidas como mercadoria, uma vez que a propriedade consiste-se em um bem móvel cuja posse recai a uma pessoa ou a um grupo de pessoas. E, ainda, sem a pretensão de esgotar aqui as várias perspectivas que as habitações podem ser apreendidas, elas constituem-se em direito social, assegurado por várias nações aos seus cidadãos.

Independentemente do modo como podem ser compreendidas, as habitações, no que concerne à estrutura, variam muito no tempo, pois o habitar está relacionado ao espaço e à matéria-prima disponível de um determinado local, bem como a usos, costumes e, especialmente, história e cultura de uma determinada sociedade.

É certo que, mesmo dentro de uma mesma sociedade, como no caso do Brasil, ainda que categorizadas em dois grandes grupos, habitações rurais e habitações urbanas, dadas às diferenças climáticas e socioeconômicas do extenso território brasileiro, as formas de moradia não são homogêneas. E isso decorre desde os tempos da colonização; ou anterior a ela, se os estudos sobre as habitações brasileiras iniciarem com as ocas indígenas.

Sem desconsiderar os diversos tipos de moradia existentes ao longo da sociedade brasileira e igualmente ou mais importantes para se refletir acerca da cultura nacional, este trabalho discorre sobre os cortiços, dando ênfase ao seu surgimento, em meados do século XIX, na cidade do Rio de Janeiro. A partir dessa reflexão, examinamos, em um primeiro momento, o romance *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo (1857-1913), sob a perspectiva dos Estudos Culturais no que diz respeito à (des)construção de identidades dos personagens pelo meio que estão inseridos.

Além dessa análise e também à luz dos estudos humanísticos, este artigo busca, em um segundo momento, estabelecer uma aproximação entre *O cortiço* e as considerações sobre classes sociais abordadas em dois livros do sociólogo Jessé Souza (2009; 2012), no que tange a formação e o deslocamento identitário dos atores da ficção e vida real.

## HABITAÇÕES COLETIVAS: DAS RUAS À LITERATURA DE ALUÍSIO AZEVEDO

Diferentes fontes bibliográficas convergem e fornecem uma representação do que foram, e ainda são, os cortiços: habitações coletivas com grande concentração de pessoas que vivem em situação de pobreza. Uma busca mais aprofundada do termo irá mostrar que, além de muitas pessoas e pobreza, os cortiços, em sua maioria, são moradias de um único cômodo, desprivilegiadas de higiene, ventilação, iluminação e, principalmente, privacidade.

A grande proliferação de cortiços, na cidade carioca, aconteceu entre os anos 1850 e 1860, em razão do alto do preço dos aluguéis e do déficit crônico de moradia. Além das pensões (ou casas de cômodos, no termo da época), os cortiços cariocas representavam quase que a única opção de moradia para a camada mais pobre da sociedade.

Nessas habitações coletivas viviam, em sua maioria, imigrantes europeus, alforriados e escravos que residiam, com a permissão de seus senhores, em locais diferentes deles. Esses habitantes, no entanto, tornaram-se um problema social no Rio de Janeiro. Eles eram considerados ociosos, cujos filhos se tornariam também ociosos no futuro. Como explica Sidney Chalhoub (1996, p. 29), essa hereditariedade do ócio era tida como uma espécie de contágio e “cabia reprimir os supostos hábitos de não trabalho dos adultos; a mais longo prazo, era necessário cuidar da educação dos menores”. Outro tipo de contágio, porém no sentido literal da palavra, proveniente dos cortiços, eram as epidemias de febre amarela e cólera.

Após uma epidemia de febre amarela em 1850 e outra de cólera em 1855 terem se espalhado no Rio de Janeiro, medidas para regulamentar as habitações coletivas na, então, Corte passaram a ser discutidas. Entretanto, de todas as medidas em pauta, somente uma foi adotada: a construção de novos cortiços após permissão e licença emitida pelo governo, bem como aprovação da Junta de Higiene Pública.

A partir de 1873, intensificou-se o controle para construção de novos cortiços. Sidney Chalhoub (1996, p. 34) esclarece: “Estavam se engendrando os instrumentos legais para a guerra de extermínio contra os cortiços ou – o que dá quase no mesmo – para a política de expulsão das ‘classes pobres’/ ‘classes perigosas’ das áreas centrais da cidade”.

“Classes pobres” e “classes perigosas” eram as terminologias adotadas pela sociedade carioca, no século XIX, para se referir às classes populares.

Essas identificações distinguem-se da seguinte forma: as “classes pobres” eram atribuídas ao grupo social formado à margem da sociedade civil e as “classes perigosas” eram formadas por pessoas à margem da lei (ex-presidiários ou ladrões), demarcando fronteiras conforme explica Silva (2013, p. 81-82):

Podemos dizer que onde existe diferenciação – ou seja, identidade e diferença – aí está presente o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. Há, entretanto, uma série de outros processos que traduzem essa diferenciação ou que com ela guardam uma estreita relação. São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós” e “eles”); classificar (“bons e maus”; “puros e impuros”; “desenvolvidos e primitivos”; “racionais e irracionais”); normalizar (“nós somos normais; eles são anormais”).

Em 1893, como uma tentativa de expulsar as classes populares das áreas centrais da cidade e erradicar os cortiços, a mais importante estalagem carioca, conhecida pelo nome de Cabeça de Porco, foi demolida. Os habitantes despejados encontraram como alternativa, e sob a aprovação do então prefeito Barata Ribeiro, subir o morro que havia atrás da estalagem para construir suas novas moradias com as madeiras que restaram do antigo cortiço. E, deram, então, início a outro tipo de moradia, as favelas, da forma como são conhecidas na atualidade (CHALHOUB, 1996).

Nicolau Sevcenko (2003, p. 73-74), assim como Sidney Chalhoub, traça o caótico panorama que os habitantes mais humildes enfrentavam na capital carioca no final do século XIX:

O plano geral da cidade, de relevo acidentado e repontado de áreas pantanosas, constituía obstáculo permanente à edificação de prédios e residências, que desde pelo menos 1882 não acompanhavam a demanda sempre crescente dos habitantes. [...] Carência de moradias e alojamentos, falta de condições sanitárias, moléstias (alto índice de mortalidade), carestia, fome, baixos salários, desemprego, miséria: eis os frutos mais acres desse crescimento fabuloso e que cabia à parte maior e mais humilde da população provar.

Apesar de todas as tentativas de erradicação que ocorreram no final do século XIX, as habitações coletivas cariocas existem, ainda, no século XXI.

Em 25 de maio de 2013, o colunista Pedro Sprejer, em sua matéria intitulada “O cortiço, cem anos depois de Aluísio Azevedo”, publicada na versão *on-line* do jornal *O Globo*, descreve um desses conjuntos habitacionais em pleno funcionamento na cidade do Rio de Janeiro:

No número 34 da Rua Senador Pompeu, no Centro, por trás de um insuspeito portão, se descortina uma singela joia arquitetônica da cidade: um antigo cortiço de fins do século XIX. Em dois tons de azul, a construção tem grandes janelas, portas e sacadas de madeira, em torno de um pátio com tanques de roupa coletivos. Hoje não há mais lavadeiras por ali, todos têm máquina de lavar, e os tanques são quase cenográficos. Tombado pelo Patrimônio Cultural do Município, o cortiço teve os 46 quartos originais transformados em 23 conjugados. Há exatos dez anos, a construção foi reformada pela Caixa Econômica Federal e transformada em conjunto habitacional para pessoas de baixa renda (SPREJER, 2013).

Outra reportagem de *O Globo*, também na versão *on-line*, datada de 10 de novembro de 2013, assinada por Taís Mendes e intitulada “Cortiços do século XXI sobrevivem em meio à modernização do Rio”, apresenta os cortiços como uma possibilidade de moradia ainda nos dias atuais:

Os cortiços são sinônimo de simplicidade e de precariedade, pobreza mesmo em muitos casos, mas, por suas características únicas, ajudam a manter uma cultura de solidariedade, com seus equipamentos coletivos e uma proximidade que contrasta com a impessoalidade de outras moradias. Hoje são poucos, mas ainda conservam grande parte das características imortalizadas por Aluísio Azevedo em 1890, no romance “O Cortiço” (MENDES, 2013).

Aliás, a jornalista esclarece, mais adiante em sua reportagem, que parte do cortiço imortalizado no romance de Aluísio Azevedo ainda está ativa na rua Marechal Niemeyer, no bairro do Botafogo, Rio de Janeiro. Acrescenta que foram preservadas as portas e janelas e um portal de pedra da época. Atualmente, abriga cinco famílias, e o sobrado principal, onde morava o comerciante português dono do imóvel, deu lugar a um templo da Assembleia de Deus e a uma lavanderia.

Antonio Candido (2011, p. 21) também corrobora o fato de a estalagem, que serviu de base para a ficção, perdurar, ainda, no século XXI:

O cortiço de Botafogo, estendendo-se rumo à pedreira (que ainda lá está, no fundo da rua Marechal Niemeyer, explorada a dinamite como no tempo de Jerônimo), é uma habitação coletiva que penetrou em todas as imaginações e sempre tirou o seu prestígio do fato de parecer uma imagem poderosa e direta da realidade.

Essa “imagem poderosa e direta da realidade”, aliás, é uma das principais características das obras do naturalismo, movimento literário no qual se insere *O cortiço* (1890) – considerado o principal romance naturalista da literatura brasileira.

Valendo-se do método de experimentação, para escrever *O cortiço*, Aluísio Azevedo aprofundou seus conhecimentos e suas pesquisas no comportamento e nos costumes dos habitantes das estalagens cariocas, convivendo com essa realidade sociológica, uma vez que, durante um período, tentou pertencer a esse microcosmo.

Jean-Yves Mérian (2013) relata que o romancista maranhense, em companhia do seu amigo Pardal Mallet, ambos disfarçados com roupas surradas e tamancos, alugou um quarto em um cortiço carioca, para constatar *in loco* e alcançar o máximo de verossimilhança o modo de vida e as identidades dos personagens que retrataria em sua obra.

Ambientado na década de 1870, *O cortiço* retrata o cotidiano miserável de uma habitação coletiva carioca. Nesse cortiço vivem os desfavorecidos e marginalizados da sociedade da época: trabalhadores braçais, imigrantes europeus, malandros, lavadeiras, viúvas pobres; todos com dificuldades e vícios que decorrem do meio ao qual estão inseridos.

A trajetória desses moradores entrelaça-se com a narração do cotidiano de alguns outros personagens, como a de João Romão e Bertoleza, e a história do primeiro é o eixo principal do enredo. Ainda assim, é o espaço, ou seja, o cortiço que figura como protagonista da obra, é ele que determina a conduta e, por conseguinte, a identidade de seus moradores.

João Romão, proprietário do cortiço, é um imigrante português ambicioso e sem escrúpulos, que enriquece rapidamente com grande ajuda de Bertoleza, uma escrava incansável para o trabalho e que pensa ter sido alforriada por ele, seu amante.

O grande rival de João Romão é Miranda, seu vizinho, também português e comerciante, representante da burguesia ascendente do século XIX. De um lado, João Romão, afortunado e sem prestígio social; de outro, Miranda, com título de barão, mas que vive à custa do dinheiro da esposa. A rivalidade é estabelecida a partir de uma inveja recíproca, que se fortalece na disputa por uma identidade. Essa luta por identificação subjaz, de acordo com Silva (2013, p. 81), “uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade”, caso dos dois portugueses retratados no romance: um aspira à riqueza; o outro, já rico, aspira à nobreza.

Após muitos desentendimentos, ao longo do romance, esses portugueses descobrem interesses comuns e firmam uma aliança, consolidada a partir de planos para o casamento entre João Romão e a filha de Miranda, Zulmira.

Porém, para que o casamento se concretize é preciso que João Romão livre-se de Bertoleza, e ele o faz, sem a menor compaixão, tentando devolvê-la aos antigos donos. Fato esse que não se concretiza, pois Bertoleza, ao perceber as intenções do português, suicida-se.

Ao longo do romance, em todos os tipos sociais apresentados é apontado pelo menos um desvio moral, contraído ou herdado, criando identidades que “adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” (WOODWARD, 2013, p. 8).

Aluísio Azevedo conseguiu, ao retratar a coletividade por meio de um cortiço, fixar o “personagem mais convincente do nosso romance naturalista”, segundo o crítico literário Alfredo Bosi (2012, p. 201). Ou, ainda, de acordo com Antonio Candido (2011, p. 25), construiu com *O cortiço* “uma figuração do próprio Brasil”, permitindo empreender estudos sociológicos e comparativos como o que se propõe a seguir.

## FIÇÃO LITERÁRIA E REALIDADE: COTIDIANO E HISTÓRIAS MÚLTIPLAS

Fiel à escola naturalista, mas sem reduzir a obra, simplesmente, ao maior exemplo do movimento do qual faz parte, *O cortiço* é “um romance que tem uma importância essencial para o conhecimento da vida no Rio de Janeiro no final do Império. É uma verdadeira constituição” (MÉRIAN, 2013, p. 514).

Para Gilberto Freyre (2002, p. 635), Aluísio Azevedo deixou “no seu *O Cortiço* um retrato disfarçado em romance que é menos ficção literária que documentação sociológica de uma fase e de um aspecto característicos da formação brasileira”.

Isso porque esse romance naturalista, por meio de um espaço físico delimitado e um grupo social definido, aborda questões sociais, algumas extremamente perturbadoras para época, como escravidão, capitalismo, exploração desmedida da terra, confronto entre valores europeus e brasileiros, hierarquia de raças, sistema neocolonialista, prostituição, homossexualismo, adultério e miséria.

Portanto, essa obra brasileira, seja por ter melhor representado o Naturalismo no Brasil, seja pelo valor documental do texto, ainda hoje, suscita análise como a que está sendo proposta neste texto. Possibilita, ainda, dialogar com estudos sociológicos da atualidade, acerca do deslocamento de identidades, partindo dos estudos humanísticos que, segundo Hanna (2016, p. 5-6),

[...] contribuem para que os indivíduos possam desvendar os enigmas da ciência, de sua carreira e de seu próprio mundo de forma mais ampla e profunda e os levam a adquirir capacidade de julgamento, de discernimento, de interpretação, para que possam expor pensamentos críticos, assim como decidir sobre valores e resolver conflitos, com significâncias positivas na criação de empatia, de ajuizamento ético, de valor e de respeito.

Dentre as reflexões sobre a sociedade brasileira, destacam-se, aqui, dois livros do sociólogo Jessé Souza (2009), *Ralé brasileira: quem é e como vive* e *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* (SOUZA, 2012), publicados, inicialmente no Brasil, em 2009 e 2012, respectivamente.

*Ralé brasileira: quem é e como vive busca*, como o próprio Jessé Souza (2009, p. 25) assume na introdução do livro, “conferir visibilidade ao que não queremos ver”, ou seja, um grupo de indivíduos que, provocativamente, o pesquisador denominou “ralé brasileira”. Segundo o sociólogo, trata-se de uma classe abandonada social e politicamente, desprovida de condições sociais, morais e culturais, impedida de desenvolver, em qualquer medida significativa, capital social ou humano.

A “ralé brasileira”, de acordo com Jessé Souza (2009, p. 25),

[...] se reproduz há gerações enquanto tal. Essa classe social, que é sempre esquecida enquanto uma classe com uma gênese e um destino comum, só é percebida no debate público como um conjunto de “indivíduos” carentes ou perigosos, tratados fragmentariamente por temas de discussão superficiais, dado que nunca chegam sequer a nomear o problema real, tais como “violência”, “segurança pública”, “problema da escola pública”, “carência da saúde pública”, “combate à fome” etc.

Esse grupo, marcado pelo determinismo e estigmatizado pela composição de indivíduos carentes ou perigosos, tratado em Jessé Souza (2009), pode remeter a uma discussão e comparação com as “classes pobres” e “classes perigosas”, moradoras dos cortiços cariocas do século XIX, abordadas por Sidney Chalhoub (1996). O determinismo, por sua vez, também pode remeter a esses moradores, tanto aos reais quanto àqueles trazidos na ficção de Aluísio Azevedo, permitindo, assim, debater sobre uma realidade e identidade social brasileira antiga, e, ao mesmo tempo, atual, mostrada sob várias perspectivas.

Ainda em Jessé Souza (2009), ressalta-se que, embora se reconheça a herança social, econômica e cultural, responsável pelos conflitos sociais brasi-



leiros na atualidade, são apontadas diferenças de como essa classe era percebida no passado brasileiro e como passou a ser no século XXI, antes determinada pelo sangue; hoje, pela meritocracia, esta última, contundentemente, criticada pelo sociólogo.

No mundo moderno, cuja legitimidade é baseada na liberdade e igualdade de seus membros, o poder não se manifesta abertamente como no passado. No passado, o pertencimento à família certa e à classe social certa dava a garantia, aceita como tal pelos dominados, de que os privilégios eram “justos” porque espelhavam a “superioridade natural” dos bem-nascidos. No mundo moderno, os privilégios continuam a ser transmitidos por herança familiar e de classe, [...], mas sua aceitação depende de que os mesmos “apareçam”, agora, não como atributo de sangue, de herança, de algo fortuito, portanto, mas como produto “natural” do “talento” especial, como “mérito” do indivíduo privilegiado. Existiria, no mundo moderno, uma “igualdade de oportunidades” que seria a forma de conciliar as demandas de igualdade e liberdade. Os privilégios que resultam disso não seriam “desigualdades fortuitas”, como no passado com a dominância do status de sangue, mas “desigualdades justas” porque decorrentes do esforço e desempenho diferencial do indivíduo (SOUZA, 2009, p. 42-43).

Em seu outro livro, *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?*, Jessé Souza (2012, p. 26) discute sobre “uma classe social nova e moderna, produto das transformações recentes do capitalismo mundial, que se situa entre a ‘ralé’ e as classes média e alta”, que ele denominou “batalhadores brasileiros”.

E, mais adiante, nesse mesmo estudo, dividido em dez capítulos, nos quais apresenta o cotidiano social e profissional de alguns “batalhadores”, dentre eles do telemarketing, feirantes e empreendedores rurais, Jessé Souza (2012, p. 51) explica a origem dessa nova classe: “Vários dos batalhadores são oriundos da ‘ralé’ – ou da ‘elite da ralé’, para a qual os fatores destrutivos puderam ser compensados de algum modo eficaz – e conseguiram a duras penas ascensão material e alguma dose de autoestima e de reconhecimento social”.

Nos capítulos finais de *O cortiço* (1890), também é apresentada uma nova classe social, ou camada social, termo utilizado nessa obra naturalista. Essa camada social da ficção em muito se assemelha com os grupos sociais estudados, na atualidade, pelo sociólogo Jessé Souza, a “ralé brasileira” e os “batalhadores brasileiros”, inclusive no que concerne à pretensa ascensão de uma classe a outra e, assim, a construção de novas identidades.

Em *O cortiço* (1890) essa passagem, ou ascensão, ocorre após a estalagem ter sido incendiada, pela segunda vez, por Bruxa, uma das personagens do romance, que almejava esse fim para o empreendimento de João Romão.

O fogo, apesar de contido pelos bombeiros, destruiu mais de trinta casas e matou três moradores, entre eles a Bruxa. É nesse momento do romance que, enquanto os moradores do cortiço lamentam o prejuízo e as mortes, João Romão faz planos para reedificar a estalagem com o dinheiro que iria receber do seguro. E, de fato, o cortiço foi totalmente reformado:

O pátio, como João Romão havia prometido, estreitara-se com as edificações novas; agora parecia uma rua, todo calçado por igual e iluminado por três lâmpões grandes simetricamente dispostos. Fizeram-se seis latrinas, seis torneiras de água e três banheiros. Desapareceram as pequenas hortas, os jardins de quatro a oito palmos e os imensos depósitos de garrafas vazias. À esquerda, até onde acabava o prédio do Miranda, estendia-se um novo correr de casinhas de porta e janela, e daí por diante, acompanhando todo o lado do fundo e dobrando depois para a direita até esbarrar no sobrado de João Romão, erguia-se um segundo andar, fechado em cima do primeiro por uma estreita e extensa varanda de grades de madeira, para a qual se subia por duas escadas, uma em cada extremidade. De cento e tantos, a numeração dos cômodos elevou-se a mais de quatrocentos; e tudo caiadinho e pintado de fresco; paredes brancas, portas verdes e goteiras encarnadas. (AZEVEDO, 2012, p. 318).

Até o nome “Estalagem de São Romão” foi alterado para “Avenida São Romão”. Além da construção e do título, mudanças também ocorreram com os habitantes. Alguns moradores antigos puderam continuar, com o consentimento de João Romão. Outros foram expulsos pelo português, como Piedade, que, como alternativa, encontrou um cômodo em outro cortiço, o “Cabeça-de-Gato”, que passou a abrigar a “ralé” que a “Avenida São Romão” rejeitava, para dar lugar a um novo perfil de inquilinos, “que já não eram gente sem gravata e sem meias. A feroz engrenagem daquela máquina terrível, que nunca parava, ia já lançando os dentes a uma nova camada social que, pouco a pouco, se deixaria arrastar inteira lá para dentro” (AZEVEDO, 2012, p. 320).

Nessa perspectiva, é possível verificar a construção ou desconstrução de identidades, ainda que tratem de classes ou camadas sociais marcadas pelo determinismo. Apesar de terem suas condições de existência determinadas, por não se saberem e/ou se reconhecerem determinados, lutam ou deixam-se levar pelo *status quo*, o que pode conduzir a um processo de sustentação ou abandono identitário.

Diante do exposto, constata-se, portanto, a possibilidade de estabelecer uma aproximação entre uma obra do século XIX com questões em pauta no século XXI, observando-se, especialmente, a necessidade de criar ou definir uma identificação em oposição a outra, uma vez que a construção de uma identidade ocorre por meio da diferença e nunca fora dela (HALL, 2013).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 1890, *O cortiço* foi descrito como uma obra “exótica” por Artur Azevedo, irmão do escritor Aluísio Azevedo, por abordar uma realidade pouco conhecida por muitos na época em que foi publicado no Brasil pela editora B. L. Garnier. Hoje não se pode afirmar que esse exotismo se mantém, pois as precárias condições habitacionais e sociais aumentaram, em paralelo ao crescimento populacional do país, e são noticiadas e vivenciadas por muitos brasileiros.

Discutir as características literárias e a tese social desse livro de Aluísio Azevedo, no momento sócio-histórico em que foi escrito, e propor um diálogo com a atualidade é, como foi apresentado, factível e pertinente. Nesse sentido, a contribuição de *O cortiço* não se dá, somente, com a literatura, mas com história, uma vez que seu estudo no século XXI possibilita refletir sobre os problemas antigos e atuais da sociedade brasileira, de que forma eles podem ser perpetuados, modificados ou surgir.

Além e por meio das questões sociais, é possível, ainda, independentemente do *corpus* escolhido para estudo, observar como a inserção em (ou a pretensão a) certas “camadas” ou “classes sociais” contribui para a formação ou deslocamento identitário de um indivíduo. Embora em constante construção e diferentes em distintos momentos (HALL, 2006), as identidades, seja no sujeito do século XIX ou XXI, são influenciadas pelo meio. Ressalta-se que não se defende, aqui, a concepção de identidade fixa, imutável; pelo contrário.

Contudo, conforme os objetos de estudo selecionados para este trabalho, *O cortiço* (1890) e as considerações de Jessé Souza (2009; 2012), constata-se que as identidades são constantemente construídas ou desconstruídas de acordo com as condições sociais e históricas de um indivíduo e, em certa medida, não só deslocadas ou condicionadas, mas também determinadas.

Cabe, portanto, a partir da discussão apresentada, observar que outras teses sociais, pelo viés literário (ou não), permeiam a (des)construção identitária-

ria dos indivíduos, a fim de propor reflexões acerca de questões cotidianas presentes na atualidade.

## ***O cortiço*: (de)construction of identities and establishment of relations with the 21st century**

### **Abstract**

This article aims to examine the novel *O cortiço* (1890), written by Aluísio Azevedo, from the perspective of Cultural Studies regarding the (de)construction of identities of the characters by the environment they are inserted in. In addition to this analysis and also under perspective of humanistic studies, this article seeks to establish an approximation between *O cortiço* and the considerations on social classes presented in studies of the sociologist Jessé Souza (2009, 2012), regarding the formation and displacement of identity of the fiction and real life actors. Therefore, this paper discusses the social thesis of this book by Aluísio Azevedo in the socio-historical moment in which it was written and proposes a dialogue with the present time.

### **Keywords**

*O cortiço*. Cultural Studies. Identities.

## **REFERÊNCIAS**

- AZEVEDO, A. *O cortiço*. Cotia: Ateliê Editorial, 2012.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 48. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- CANDIDO, A. De cortiço a cortiço. In: AZEVEDO, A. *O cortiço*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- CHALHOUB, S. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- FREYRE, G. *Sobrados e mucambos: decadências do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução T. T. Silva. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Tradução T. T. Silva. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 103-133.

- HANNA, V. L. H. Muito além da universidade: as Humanidades e as Letras. *Revista Verbum*, n. 11, p. 4-11, 2016. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/29343/20464>>. Acesso em: 24 out. 2017.
- MENDES, T. Cortiços do século XXI sobrevivem em meio à modernização do Rio. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 nov. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/corticicos-do-seculo-xix-sobrevivem-em-meio-modernizacao-do-rio-10737056>>. Acesso em: 02 set. 2017.
- MÉRIAN, J. Y. *Aluísio Azevedo: vida e obra (1857-1913)*. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.
- SEVCENKO, N. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 73-102.
- SOUZA, J. *Ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- SOUZA, J. *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- SPREJER, P. O cortiço, cem anos depois de Aluísio Azevedo. *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 maio 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2013/05/25/o-cortico-cem-anos-depois-de-aluisio-azevedo-497912.asp>>. Acesso em: 2 set. 2017.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Tradução T. T. Silva. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 7-72.